

Masculinidades fora do lugar: gênero e deslocamentos em *Valmiki's Daughter* (2008) de Shani Mootoo

THIAGO MARCEL MOYANO *

RESUMO: Os estudos de gênero têm incorporado cada vez mais pesquisas em torno de múltiplas subjetividades e de seus desdobramentos na ficção. Nestas investigações, em que se imbricam cultura, linguagem e identidade, pode-se destacar a projeção de um elemento comumente relegado a segundo plano nestes fóruns de discussão: a masculinidade. Este trabalho tem por objetivo analisar a constituição de masculinidades em *Valmiki's Daughter* (2008), da escritora indo-caribenha Shani Mootoo. Acredito que o romance abra caminho para uma crítica de gênero e suas interseccionalidades, focalizando a desconstrução de um ideal de masculino corporificado na figura do homem branco. Servirão de aporte teórico trabalhos de R. W. Connell, Judith Butler, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Caribe; Gênero; Imigrações; Masculinidades; Shani Mootoo.

ABSTRACT: Gender Studies have increasingly incorporated researches on multiple subjectivities and their development in fiction. In these investigations in which culture, language, and identity imbricate, one can point out that the commonly overlooked element of masculinity gains prominence in these forums of discussion. This paper aims to analyse the constitution of masculinities in *Valmiki's Daughter* (2008) by the Indo-Caribbean author Shani Mootoo. I believe that this novel can be read from the perspective of gender criticism and its intersectionalities, with a focus on the deconstruction of the masculine ideal embodied by the Caucasian man. Works by R. W. Connell, Judith Butler, among others, will be the theoretical framework of my analysis.

KEYWORDS: Caribbean; Gender; Immigrations; Masculinities; Shani Mootoo.

* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês – Universidade de São Paulo – USP – 05508-080 – São Paulo – SP – Brasil. E-mail: thiago.moyano@usp.br

Introdução: a bússola do masculino

O cânone literário está repleto de narrativas que têm ajudado a construir, ao longo dos séculos, uma série de padrões sociais, políticos e culturais, os quais, invariavelmente, determinam códigos de comportamento em termos de classe, identidade racial e de gênero. Desde as representações heroicas do épico clássico à literatura contemporânea, leitores são influenciados e passam a absorver modelos pré-estabelecidos e sancionados pelas classes dominantes e por seus interesses. Os séculos XX e XXI, no entanto, têm testemunhado uma série de (re)leituras dos clássicos, tanto através da crítica literária, quanto da apropriação paródica e estratégica que autores contemporâneos têm feito destas obras, denunciando e reelaborando fronteiras identitárias outrora bem delimitadas.

O famoso monólogo da comédia shakespeariana *Como Gostais* (1599-1606), proferido pela melancólica personagem Jacques, do qual retiramos as primeiras linhas deste trabalho, expressa não somente o caráter performático da vida do ser humano em sociedade, mas também sua inevitável finitude. Neste, a personagem discorre sobre o que chama de “sete etapas” da vida do homem, desde seu nascimento, fechando um ciclo na velhice. Ao longo deste panorama, contudo, gostaríamos de, então, destacar, dentre os papéis bastante delimitados para o desenvolvimento da vida deste homem, os anos de sua adolescência até a meia idade, os quais poderiam ser resumidos nas figuras de um jovem “conquistador”, um vigoroso “soldado” e um “sábio” varão. Deste modo, o texto shakespeariano parece sedimentar um modelo naturalizado pelo senso comum para o homem ocidental, reforçando um horizonte de expectativas em relação à performatividade deste corpo.

Os estudos de gênero têm apresentado contribuições valorosas no que tange a investigações no campo das subjetividades, estas, conforme apregoam Teresa de Lauretis, Judith Butler, entre outras, em constante processo de reformulação no tempo e no espaço. Analisando, a priori, sujeitos limítrofes e marginalizados, estas teóricas, sob a égide do pensamento feminista, expandiram o escopo teórico de seu tempo, apontando para o caráter performativo do gênero, culminando na implosão destas categorias como mero reflexo cultural da divisão binária do sistema sexo (masculino x feminino). Nesta relação nada linear, com uma suposta (e almejada) fixidez identitária perpetrada pelo poder hegemônico, torna-se relevante, portanto, repensar a posição aparentemente mais privilegiada deste espectro: a do homem. Em “A Tecnologia do Gênero” (1994), Teresa de Lauretis, em sua crítica à obra de Althusser – apoiada pelo trabalho de feministas materialistas como Michelle Barrett –, afirma que “se o sistema sexo-gênero é um conjunto de relações sociais que se mantém por meio da existência social, então o gênero é efetivamente uma instância primária de ideologia, e obviamente **não só para mulheres.**” (LAURETIS, 1994, p. 216, grifo meu).

Deste modo, compreendemos que, assim como o feminino e o sujeito-mulher sofrem imposições do gênero, também os homens precisam enquadrar-se em um modelo cultural

bastante específico para sua subjetividade, o qual muitas vezes se mostra ao mesmo tempo inalcançável e demasiadamente frágil. O incessante esforço em corresponder com tais expectativas torna-se sobremaneira complexo ao projetarmos também nesta equação o sujeito pós-colonial. Consciente de sua posição racial marginalizada, este precisará lidar com a dupla impossibilidade de corresponder com esta matriz do homem branco heterossexual, tanto no que diz respeito à masculinidade quanto à sua identidade racial marcada pela diferença (BRAH, 2006).

Neste diapasão, o texto literário mostra-se campo fértil para se perscrutar a constituição do sujeito, focalizando, também, as masculinidades, ora por aliar-se à estereotipia, conforme já demonstrado aqui, ora por desafiar tais construções. Este trabalho tem por objetivo analisar o romance *Valmiki's Daughter* (2008), da escritora indo-caribenha radicada no Canadá Shani Mootoo. Neste, deparamo-nos com um entrelaçamento de tramas no seio da elite caribenha na ilha de Trinidad, desenvolvendo a história de um bem sucedido médico indo-caribenho, Dr. Valmiki Krishnu, de sua filha Viveka Krishnu e de um jovem casal Nayan e Anick Prakash, este último, herdeiro da exploração do cacau, e ela, a estereotípica “esposa-troféu”: mulher, branca, de origem francesa. Em meio a uma série de dilemas advindos da imposição cultural do Norte Global nas ilhas, bem como conflitos ligados aos vários deslocamentos que marcaram a identidade destes indivíduos e a sua sexualidade, acreditamos que o romance nos permita estabelecer uma crítica às masculinidades em uma perspectiva interseccional: levando em consideração não apenas o gênero como categoria de análise, mas sua relação com a sexualidade e origem étnica dessas personagens em constante embate com a cultura do colonizador. Deste modo, trabalhos de teóricas e teóricos do gênero, como Teresa de Lauretis, Raewyn Connell e Miguel Vale de Almeida, bem como estudiosos do pós-colonialismo e do caribe como George Lamming, entre outros, servirão de aporte teórico desta investigação.

Antes, contudo, de apresentarmos a análise do romance, há que se fazerem algumas considerações teóricas dentro do proposto.

I. Masculinidades: um mapa teórico

...homens e mulheres são ambos prisioneiros do gênero, embora de modos altamente diferenciados mas inter-relacionados. O fato de que homens pareçam ser e (em muitos casos) sejam os guardiães, ou pelo menos os tutores, dentro de uma totalidade social, não nos deve cegar em relação à extensão em que eles, igualmente, são governados pelas regras do gênero.

J. Flax

Na década de 1980, o pensamento feminista passou por grandes transformações que sedimentaram seu entrelaçamento com o desenvolvimento do Pós-estruturalismo. A partir de então, trabalhos importantes denunciaram o aspecto relacional (Lauretis, 1994) e performativo (Butler, 1990) do gênero, este não mais focalizado exclusivamente na “questão feminina”, mas no modo pelo qual sujeitos – homens e mulheres – seriam guiados por um roteiro muito bem delineado de caráter ideológico. Como podemos ver na epígrafe acima,

a teórica feminista Jane Flax, em suas reflexões em torno do feminismo e da filosofia pós-moderna, traz à tona também a figura do homem, sem deixar de reconhecer, contudo, sua posição ao menos aparentemente privilegiada e tutelar no que chama de “totalidade social”.

Paralelamente, a universidade também tem assistido a uma crescente demanda para se discutirem questões ligadas a esse campo relativamente novo do saber, o das minorias sexuais, o qual fora influenciado tanto pelas mobilizações sociais e protestos organizados a partir da segunda metade do século XX, quanto pelo legado feminista, já há algum tempo se consolidando na academia, mostrando-se, então, de suma importância para a elaboração de novos paradigmas nas humanidades.

Focalizando, a princípio, uma agenda encabeçada por homens gays e brancos, este fórum de discussão reverberou em diversas áreas do conhecimento, influenciando também a crítica literária, a qual passa a desenvolver as primeiras investigações em torno da representação da homossexualidade na ficção. Ademais, esta corrente dará início a uma série de estudos sobre uma possível “literatura gay”, tanto no que diz respeito a um público específico de leitores, quanto no reconhecimento da identidade sexual de autores canônicos – como Oscar Wilde, Jean Genet e André Gide – e seus possíveis efeitos em suas obras.

Dentre os vários trabalhos que surgiram a partir desta nova visada, as ciências sociais e a crítica cultural e literária não mais compreenderão a masculinidade como uma categoria singular e essencialista, mas deverão reconhecê-la também como múltipla, descontínua e fragmentária. No *Dicionário de Crítica Feminista*, Miguel Vale de Almeida (2005) nos oferece uma definição mais ampla da masculinidade, contemplando assim uma série de aplicações para as humanidades. Para ele, o termo

cobre todo o campo de investigação que, na área dos estudos sobre o gênero e a sexualidade, se reporta a significados culturais da «pessoa», que, sendo ideologicamente remetidos para o terreno da essência dos «homens», são, através de processos metafóricos, aplicáveis às mais variadas áreas da interação humana e da vida sociocultural. É assim que podemos encontrar, ao nível etnográfico, expressões como «mulher masculina», «gestos masculinos», «valores masculinos», «símbolos masculinos», etc., independentemente dos sexos e até do sexo, como no caso dos símbolos. (ALMEIDA, 2005, p. 122).

Assim, a expansão desta categoria de análise mostrar-se-á profícua não só para se pensar exclusivamente os homens e suas posições sociais, mas abarcará novas empreitadas acerca do gênero, da sexualidade, mas também da geopolítica, das relações internacionais e do pensamento decolonial. No entanto, ao elencarmos a “masculinidade” como componente indispensável a reflexões no campo dos estudos literários e das subjetividades, precisamos reconhecer também que a linguagem não é neutra e que a utilização do termo evoca uma série de assunções que tendem a equalizá-lo, por vezes de forma demasiadamente homogênea, ao homem branco heterossexual e a seus privilégios na estrutura social.

Portanto, é mister considerarmos a noção de “masculinidade hegemônica”, termo cunhado pela socióloga australiana Raewyn Connell. Pioneira nesta subárea da teoria do gênero, grande parte dos estudos sobre masculinidades se balizaram a partir de suas pesquisas.

Ao criar a distinção entre a masculinidade e uma (não única) manifestação hegemônica, Connell se utiliza do pensamento gramsciano para tatear e abalar o caráter estrutural desta, bem como suas consequências em um momento ainda bastante centrado, especialmente nas ciências sociais, na divisão social do gênero e os diferentes “papéis” assumidos pelos sujeitos homem e mulher na sociedade. Em seu artigo “Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito” (2013), a autora afirma que

A masculinidade hegemônica foi entendida como um padrão de práticas (*i.e.*, coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse. A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

Este panorama centrado especialmente nas primeiras conclusões estabelecidas no campo das masculinidades já nos oferece relevantes marcadores que serão caros para nossa análise da obra de Shani Mootoo. *Valmiki's Daughter* (2008) discorrerá sobre os conflitos de uma família de elite da ilha caribenha de Trinidad sempre às voltas com um referencial hegemônico externo, advindo invariavelmente do Norte Global, seja dos EUA e Canadá ou do Reino Unido e do continente europeu. A passagem de Connell denuncia, portanto, uma polarização entre masculinidades hegemônicas e as subordinadas, as quais, mesmo que em cumplicidade com a normatização da distribuição do poder, jamais serão reconhecidos por uma minoria que de fato cumpre com todos os requisitos estipulados para o padrão ideal.

No que diz respeito a estes critérios, retomamos o trabalho de Josep-Vincent Marqués (1997), “Varón y Patriarcado”, no qual o autor procura esquematizar, a partir de categorias relativamente comuns às muitas culturas ocidentais e colonizadas, aquilo que formaria o “homem-macho”, destacando já o caráter de construção desta identidade. Segundo o autor, este processo necessariamente perpassaria um apagamento de características individuais e um distanciamento da masculinidade em relação às mulheres, homogeneizando todos os homens em torno de um determinado “sujeito masculino.” (MARQUÉS, 1997, p. 18). A partir de então, este *aprenderá* o significado de sua posição em relação ao seu entorno. Lemos:

Todo indivíduo macho parece ter sido informado da importância/superioridade de sê-lo através dos seguintes processos:

- a) Compreensão da importância do pai no ambiente doméstico.
- b) Percepção do orgulho materno de ter dado à luz a um macho ou mesmo a um sucessor do pai.
- c) Provável tratamento preferencial em relação às fêmeas.
- d) Reforço sexual de toda as suas realizações positivas. Um menino que come toda a papinha geralmente é elogiado como um homenzinho com mais frequência do que uma menina como uma mulher.
- e) Alternância entre ser sobrecarregado por ser homem e ser reverencialmente desculpado por sê-lo.

- f) Compreensão através de pessoas próximas, familiares ou não, da importância dos machos e da maior pluralidade e atratividade de suas funções.
- g) Percepção, através dos meios de comunicação, de que todos os papéis interessantes, protagonistas, de liderança ou supervisão, importantes, são desempenhados por homens.
- h) Percepção de uma eventual estrutura sobrenatural na qual a hierarquia máxima, Deus ou Alá, ainda que oficialmente definida oficialmente como espírito, aparece, sem sombra de dúvidas, como um personagem masculino. (MARQUÉS, 1997, p. 20, minha tradução)¹.

Embora se apresente de forma taxativa, e conseqüentemente restritiva, a lista elaborada por Marqués vai ao encontro de Lauretis (1994), quando esta identifica as inúmeras formas de disseminação e aprendizado do gênero a partir não somente de discursos, mas de tecnologias a que somos expostos na vida cotidiana. Contudo, a arbitrariedade destes quesitos não passará incólume pelos homens, influenciando profundamente suas subjetividades, o que faz com que o crítico conclua as inevitáveis máximas: “O macho é um louco megalômano que acredita ser macho. O macho é um louco masoquista que acredita estar obrigado a ser macho.” (MARQUÉS, 1997, p. 25, minha tradução)².

As generalizações de Marqués, contudo, deixam em aberto ainda duas importantes questões em torno do sujeito-homem contemporâneo e sua relação com as masculinidades. Primeiramente, reconhecendo uma certa patologia por trás da incessante busca em atingir ou reforçar esta identidade: quem seriam, afinal, os homens que de fato se encaixariam perfeitamente no modelo da hegemonia? Ademais, se compreendemos por masculinidades subordinadas também aquelas que são representadas pelo “outro”, demarcado racialmente, em um contexto pós-colonial, como analisar estes sujeitos em um mundo cujas relações de poder não mais se limitam às convencionais fronteiras de estado-nação, mas que se caracterizam por um modelo transnacional imposto pela ampla difusão da globalização?

Em relação à impossibilidade de se atingir o ideal da masculinidade hegemônica, Connell já antecipara que este estaria descolado dos homens em sua maioria e que sua disseminação implicaria, portanto, na compreensão de uma dada virtualidade. Deste modo,

¹ “Todo individuo varón parece haber sido informado de la importancia/superioridad de serlo a través de los siguientes procesos:

- a) Captación de la importancia del padre en el grupo doméstico.
- b) Percepción del orgullo materno de haber dado a luz a un varón o incluso de haberle dado un sucesor al padre.
- c) Probable trato preferente sobre las hembras.
- d) Refuerzo sexual de todo lo positivo que realiza. Un niño que se come la papilla suele ser elogiado como todo un hombrecito con más frecuencia que una niña como toda una mujer.
- e) Alternativa entre ser sobreexigido por ser hombre y ser desculpado reverencialmente por serlo.
- f) Captación a través de las personas próximas, familiares o no, de la importancia de los varones y de la mayor pluralidad y vistosidad de las ocupaciones de ellos.
- g) Percepción, a través de los medios de comunicación, de que los roles interesantes, protagonistas, de mando o supervisión, importantes, son desempeñados por hombres.
- h) Percepción de una eventual estructura sobrenatural en la que la jerarquía máxima, Dios o Alá, aunque oficialmente definido como espíritu, aparece, sin duda, como un personaje masculino.” (MARQUÉS, 1997, p. 20).

² “El varón es un loco megalômano que cree ser varón. El varón es un loco masoquista que cree estar obligado a ser varón.” (MARQUÉS, 1997, p. 25).

as masculinidades hegemônicas podem ser construídas de forma que não correspondam verdadeiramente à vida de *nenhum homem real*. Mesmo assim esses modelos expressam, em vários sentidos, ideais, fantasias e desejos muito difundidos. Eles oferecem modelos de relações com as mulheres e soluções aos problemas das relações de gênero. Ademais, eles se articulam livremente com a constituição prática das masculinidades como formas de viver as circunstâncias locais cotidianas. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 253, grifo meu).

Esta separação entre os homens e a masculinidade hegemônica parece útil ao passo que nos oferece uma explicação plausível a partir da qual não mais dependeríamos de um referente corporificado para entendermos os diversos processos que compõem a hierarquia das relações de gênero. Contudo, este parâmetro, por assim dizer, “invisível”, poderia incorrer novamente em uma generalização, simplificando de forma unívoca uma série de embates entre realidades locais e globais e suas implicações históricas.

Em seus trabalhos mais recentes, por exemplo, Connell tem se voltado para o que chama de uma “ordem mundial do gênero”. Para ela, as mudanças ocasionadas pelo neoliberalismo e a concentração do poder em organizações multinacionais resultaram em um novo modelo hegemônico, personificado na figura de um empreendedor, executivo, em escala global. Este fenômeno estaria em consonância com o ressurgimento de regimes autoritários, a crescente popularidade de abordagens conservadoras para a economia e a centralidade das questões de gênero e sexualidade em várias organizações políticas no mundo, como se tem observado na Inglaterra, na França e nos EUA, mas também em países do Sul Global, como Argentina, Brasil e Índia. Lemos:

Nos países ricos da metrópole global, o deslocamento do neoliberalismo (a agenda radical do mercado formulada nos anos 1970) para um neoconservadorismo (incluindo apelos populistas para religião, etnocentrismo e segurança) tornou a reação de gênero uma questão política e cultural muito importante. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 273).

Embora as reflexões de Connell visem a necessidade de encontrar alternativas para o sujeito-homem, reposicionando-o de modo a desconstruir seu papel de opressor e incluí-lo dentro de um projeto de sociedade justa e igualitária, este foco no modelo de globalização tem sido criticado, especialmente a partir de uma perspectiva interseccional que leve em consideração também questões de raça e classe. Esta tentativa de alinhar a masculinidade a um determinado perfil do homem da elite vigente se mostrará insatisfatório, uma vez que, em última instância, estaríamos nos apoiando demasiadamente em um único parâmetro – o econômico – para explicar um fenômeno intrínseco a todas as relações sociais e culturais. Diego Santos Vieira de Jesus (2011), em “Bravos Novos Mundos: uma leitura pós-colonialista sobre masculinidades ocidentais”, apropriadamente relembra-nos que

A globalização pode ser vista como um conjunto de processos que modificaram a forma espacial de organização humana para padrões transcontinentais e inter-regionais de atividade, de interação e de exercício de poder. Tal conjunto não é uma condição singular ou um processo linear; em vez disso, deve ser concebido

como um fenômeno multidimensional que envolve domínios de atividades e de interação que incluem a esfera econômica, a política, a tecnológica, a militar, a legal, a cultural e a ambiental, com diferentes modelos de relacionamento. (JESUS, 2011, p. 135).

Na esteira deste pensamento, Christine Beasley e Juanita Elias (2009), em seu trabalho “Hegemonic Masculinity and Globalization: transnational business masculinities and beyond”, discorrem sobre possíveis flancos na teorização de Connell, chamando-nos atenção para o fato de que nossas compreensões das masculinidades em níveis locais não podem ser restringidas a um único modelo. Segundo as autoras,

A função política legitimadora da masculinidade hegemônica provavelmente não será relegada a um único modelo idealizado (como o da masculinidade do mercado transnacional). A masculinidade hegemônica, mesmo à nível local, pode ser vista como hierárquica e plural. Parece ainda mais provável que não exista apenas uma hegemonia em escala global. (BEASLEY; ELIAS, 2009, p. 21, minha tradução)³.

Em tal contexto, nas páginas a seguir, analisaremos a relação das personagens do romance *Valmiki's Daughter* (2008) no que tange às masculinidades em um contexto pós-colonial do caribe anglófono. Veremos que, no desenrolar da trama, as personagens ora buscam assimilar modelos importados do Norte Global, rejeitando os ideais de sua comunidade local, ora entram em choque com estes, reconhecendo tal empreitada como impossível, ora subvertem expectativas previamente formuladas para suas identidades, abrindo um novo horizonte, *queer*, para se pensar o sujeito. Neste processo, Mootoo desenvolverá uma complexa rede de conflitos geracionais, de classe, gênero e sexualidade, permitindo-nos, portanto, estabelecer uma reflexão também sobre este cenário contemporâneo marcado por tantos deslocamentos – de informação e pessoas.

II. O masculino e suas margens: a filha de Valmiki

Sumariamente está montada uma comédia ideológica, diferente da europeia. É claro que a liberdade do trabalho, a igualdade perante a lei e, de modo geral, o universalismo eram ideologia na Europa também; mas lá correspondiam às aparências, encobrindo o essencial – a exploração do trabalho. Entre nós, as mesmas ideias seriam falsas num sentido diverso, por assim dizer, original.
R. Schwarz

Em seu famoso ensaio “As Ideias Fora do Lugar” (1992), Roberto Schwarz apresenta uma leitura cabal sobre o desenvolvimento da sociedade brasileira a partir do texto literário. Em sua minuciosa análise da obra machadiana, o pensador identifica, assim, um descompasso

³ “the political legitimating function of hegemonic masculinity is unlikely to be left to one idealised model (such as transnational business masculinity) alone. Hegemonic masculinity, even at the local level, may be seen as hierarchical and plural. It seems even more likely that there is not one single hegemony on the global scale.” (BEASLEY; ELIAS, 2009, p. 21).

entre a ideologia do capitalismo industrial e sua transposição improvisada para o contexto das colônias do mundo atlântico. Nesta “comédia ideológica”, a brutal realidade da escravidão e estes novos ideais europeus não seriam compatíveis, colocando a elite latifundiária local em uma posição ambivalente. Por um lado, esta se viu forçada a se adequar às novas dinâmicas do mercado internacional e, em um âmbito cultural, assimilar tal projeto civilizatório; por outro, reconheceu sua dependência de uma estrutura social que mantivera privilégios e sedimentara castas bastante definidas. Dado este panorama, o pensamento schwarziano estabelece que os países da América Latina – e também grande parte das ilhas do Caribe –, os quais, em sua maioria, haviam conquistado emancipação de seus colonizadores até o final do século XIX, jamais puderam formar estados-nação apropriadamente, dentro do modelo estipulado pelo Norte Global. Esta condição, no entanto, conferiria a tais territórios, conforme se lê na epígrafe acima, um status, em certo sentido, “diverso” e “original”.

Em vista disso, no que diz respeito aos estudos de gênero e sexualidade, o que dizer, então, desta transposição de modelos e ideais de masculinidade através do Atlântico? Em um novo mundo pós-colonial constantemente tutelado pela hegemonia do Ocidente, a multiplicidade de culturas e especificidades do tecido social desses países desnudarão ainda mais o caráter performativo desses códigos, agora vistos “fora do lugar”. Assim, como se constituirão as subjetividades e como se reconhecerão os sujeitos-homens?

O romance *Valmiki's Daughter* (2008), de Shani Mootoo, parece-nos apresentar um campo fértil para responder às questões ora colocadas. Nascida na Irlanda, de origem indiana hindu, criada em Trinidad e radicada no Canadá, a obra de Mootoo é representativa dos efeitos das dinâmicas transnacionais na produção cultural e artística. Especificamente nesta obra, deparamo-nos com conflitos no seio da elite de Trinidad, vivenciados por uma família de origem indiana hindu: os Krishnu. De um lado, Valmiki Krishnu, um respeitado médico que mantém uma vida dupla, escondendo sua homossexualidade de sua família e comunidade. Por outro, sua filha Viveka, uma jovem universitária, estudante de Literatura, passando por um momento de grandes transformações e autodescobertas – de sua identidade sexual e de gênero. Ao longo da narrativa, ela se envolverá amorosamente com uma mulher branca francesa, Anick, casada com o filho de um casal de amigos da família, Nayan Prakash, um jovem herdeiro da elite latifundiária do cacau, que, após anos de estudo no Canadá, retorna à ilha a fim de modernizar os negócios da família e inseri-los no mercado mundial. Acreditamos, portanto, que a imbricação do gênero, classe e etnia mostrar-se-á profícua para uma reflexão em torno das masculinidades e sua relação com o mundo pós-colonial.

A própria estruturação do romance já nos revela componentes caros a esta leitura. Dividido em quatro “partes” antecedidas por um “prólogo” e sucedidas por um “epílogo”, chama a atenção que estas sejam, em sua maioria, categorizadas temporal e espacialmente. Deste modo, temos “24 segundos”, “24 horas”, “24 dias”, “24 semanas” e “24 meses”, todos respectivamente marcando a temporalidade dos eventos narrados. Já no que diz respeito ao espaço, vemos “San Fernando”, capital da ilha, “Luminada Heights”, bairro onde reside a elite local e “Chayu”, zona rural onde se encontra a fazenda de cacau da família Prakash. Logo nas primeiras páginas do texto, o leitor é conduzido por uma excursão por toda a cidade, suas

cores, cheiros e flora. Nela, destaca-se a privilegiada comunidade por onde se passa grande parte do enredo. Lê-se:

Erga seus olhos; continue olhando para longe onde as águas amarelas e prateadas do Golfo de Paria estão cravejadas de navios petroleiros vermelhos e pretos esperando sua vez nas docas da refinaria. Entre este horizonte lá no alto e a cidade abaixo, você verá um mar de verde – as folhas de palmeiras e coqueiros misturadas com exuberantes mangueiras, orgulho de Barbados, – pontilhado por telhados coloridos – vermelhos, prateados e azuis. Estes marcam o bairro residencial de Luminada Heights. É aqui que encontrará as casas dos cidadãos mais prósperos da cidade, incluindo o Dr. Krishnu – o qual, com sua esposa e filhas, vive em uma casa desenhada por um arquiteto – e os Prakashs. (MOOTOO, 2008, p. 13, minha tradução)⁴.

Esta descrição minuciosa contrastando natureza e urbe nos remete a uma tradição de representações idílicas do pastoral europeu, o qual foi comumente replicado por vários ilustradores que tomaram para si, ao longo dos séculos XVIII e XIX, a tarefa de registrar a flora e fauna locais, influenciando, por muitas gerações, não apenas o imaginário ocidental em torno do arquipélago caribenho, mas também a produção e divulgação das ciências naturais em desenvolvimento na época. Ao mesmo tempo, Mootoo parece subverter esta tradição ao utilizá-la para revelar dados importantes deste tecido social em nossos dias. Por exemplo, podemos destacar a presença dos petroleiros, vista já no horizonte da ilha, como um constante lembrete da ação do mercado internacional global e da extração de riquezas. Quanto à Luminada Heights especificamente, chama a atenção o fato de duas famílias de origem indiana serem nomeadas como ilustrativas daquela elite.

O laureado escritor e teórico barbadense George Lamming (2001), em seu ensaio “Caribbean Labour, Culture, and Identity”, atribui à imigração indiana em Trinidad um papel estruturante na formação do país e sua identidade no pós-independência. Em suas palavras, a miscigenação presente nas ilhas não lhe despertou tanto a curiosidade quanto a percepção de que talvez “os únicos trinidadianos com algum senso de continuidade sejam os indianos” (LAMMING, 2001, p. 20, minha tradução)⁵. Compreendendo a importância e centralidade da força de trabalho na formação cultural de um povo, Lamming ainda destaca que:

Se o trabalho é o alicerce de toda a cultura, então a presença indiana em Trinidad foi o chão sobre o qual se ergueu esta casa. [...] Não pode haver história de Trinidad e da Guiana que não seja também a história da humanização destas paisagens por forças de trabalho indianas e de outras origens. (LAMMING, 2001, p. 21, minha tradução)⁶.

⁴ “Raise your eyes; keep looking out into the distance to where the yellow and silver waters of the Gulf of Paria are studded with red-and-black oil tankers awaiting their turn at the refinery’s docks. Between that high horizon and the town at the bottom, you see a sea of green – the fronds of palm and coconut trees mixed with sampan, flamboyant, Pride of Barbados, mango trees – dotted with confetti of colourful roofs – reds, greens, silvers, blues. These mark the residential neighbourhood of Luminada Heights. It is here you find the residences of the city’s more prosperous citizens, including Dr. Krishnu – who, with his wife and their two children, lives in an architect-designed house – and the Prakashs.” (MOOTOO, 2008, p. 13).

⁵ “perhaps the only real Trinidadians with a length of continuity are Indians.” (LAMMING, 2001, p. 20).

⁶ “If labor is the foundation of all culture, then the Indian presence in Trinidad was the ground floor on which that

Embora a assertiva de Lamming seja passível de crítica, em especial por colocar em segundo plano a expressiva população africana presente nas ilhas e suas influências no desenvolvimento de uma cultura caribenha (cf. ALLSOP, 2001), há que se reconhecer os efeitos da imigração indiana gerenciada pelo império britânico após a abolição. Estes novos trabalhadores, os quais serviriam como uma concorrência à mão de obra liberta, se tornaram uma casta comerciante e eventualmente assumiram as posições mais privilegiadas daquele sistema político e econômico. Netos e bisnetos de gerações de trabalhadores rurais nas plantações de cana de açúcar e cacau, os protagonistas do romance que analisaremos correspondem a esta classe social na ilha.

Na primeira parte do romance, somos apresentados a Valmiki. Após uma discussão com sua esposa e filha mais velha, este é acometido por uma lembrança de sua infância, na qual somos informados de alguns dados importantes em torno de suas vivências consolidadoras de sua subjetividade. Ao longo do texto, um narrador onisciente reporta que a personagem

havia sido um menino gordinho de pele clara, com bochechas rechonchudas e avermelhadas e um paladar insaciável para os doces que sua mãe, tias e empregadas faziam diariamente com o leite retirado de suas próprias vacas. Ele parecia a criança mimada que era. Seu pai era o cidadão mais afluente da região, um homem cuja família tinha construído e passado até o pai de Valmiki e seus tios um negócio de laticínios situado na mesma propriedade em que viviam, ao sul da cidade de São Fernando. Eles eram brâmanes e, portanto, não tocavam nas vacas com as próprias mãos (MOOTOO, 2008, p. 31, minha tradução)⁷.

Conforme a própria memória da personagem, podemos notar que, apesar de ser um membro da família mais poderosa da região, Valmiki parece se distanciar de um modelo hegemônico de masculinidade. Descrito a partir de uma certa fragilidade e mais alinhado a características europeias do que locais, ele se recorda de como os outros garotos do vilarejo caçoavam dele, sempre associando seus hábitos elitizados a características femininas. Não coincidentemente, na sequência da narrativa, o protagonista será retratado no interior de sua casa, na esfera privada, ouvindo as zombarias dos outros garotos – pobres, filhos da classe trabalhadora, que, contudo, têm maior liberdade para transitar em espaços públicos. Lemos:

Ele ouviu os meninos rindo e caçoando, “ele está bebendo chá. E o que está comendo? Ele está comendo brioche e geleia, biscoitos e creme?” [...] Ser o filho do homem mais rico era mais uma tensão do que algo com que pudesse se deleitar. Aqueles garotos, cujos pais eram trabalhadores nas propriedades de cana de açúcar e cujas mães eram carregadoras de água nos programas de obras nas estradas, pagas pelo governo, tinham a habilidade de fazê-lo se sentir inferior, impotente. (MOOTOO, 2008, p. 33-35, minha tradução)⁸.

house was built. [...] There can be no history of Trinidad or Guyana that is not also a history of the humanization of those landscapes by Indian and other human forces of labor.” (LAMMING, 2001, p. 21).

⁷ “had been a fair and plump boy, with fat red cheeks and an insatiable taste for desserts his mother, his aunts, and the servants made daily with milk from their own cows. He looked like the pampered child he was. His father was the area’s most affluent citizen, a man whose family had built up and passed down to Valmiki’s father and uncles a dairy business situated on the same property on which they lived, just south of the town of San Fernando. They were Brahmins, and so didn’t touch the cows themselves.” (MOOTOO, 2008, p. 31).

⁸ “He heard the boys laugh, and mock back, “He drinking tea. And what he eating? He eating bread and jam,

Esta cena se alinha à contribuição de Marqués (1997), quando este teoriza sua concepção em torno da importância do grupo de adolescentes (*la pandilla*) para que estes se legitimem dentro das expectativas cabíveis à constituição do macho. Para ele, mais até do que a sanção dos pais e tutores, o reconhecimento dos pares exerce uma função primordial no processo, especialmente porque, ao se saberem distantes do ideal, estes garotos podem ficcionalizar para todo seu entorno quaisquer atributos que lhe sejam necessários, adotando, por vezes, comportamentos estereotipados e exagerados. Assim, segundo Marqués,

A turma de amigos fornece uma informação aparentemente não-hierárquica sobre como se comportar como um homem, e a sua *utilidade* parece maior ao sujeito na medida em que a consciência de mudança social acelerada o faz perceber o pai e até mesmo os homens adultos como antiquados. O grupo não deixa de ser constituído por outros adolescentes igualmente inseguros sobre o grau em que atingiram o status de homens/adultos. Daí, suas práticas e discursos concentram-se no aspecto mais espetacular, aparentemente, rudimentar e exagerado do comportamento masculino. (MARQUÉS, 1997, p. 25, minha tradução)⁹.

A fim de se sentir parte de uma coletividade, Valmiki decide então transgredir a lei do pai, bem como abusar de sua posição de autoridade perante os empregados daquela propriedade rural. Ele conduz aqueles garotos para o estábulo em que estão as vacas, ordenha uma delas e distribui um litro do leite para cada um deles levarem para a casa. Esta atitude ousada enfurece seu pai, que lhe castiga com uma surra, alegando que o menino teria se deixado manipular por aqueles jovens de classe inferior. O episódio é de suma importância para um dos primeiros aprendizados que o jovem Valmiki terá sobre a masculinidade. Mais do que a humilhação daquele castigo, “Valmiki ficou perplexo com a delicadeza que seus pais viam nele, e, a partir daquele momento, ele ponderou sobre como poderia consertar isso. (MOOTOO, 2008, p. 38-39, minha tradução)¹⁰.

A constatação de que deveria haver algo a ser “consertado” no que tange à sua identidade denuncia já o caráter construtivo/performativo da masculinidade. Em *Problemas de Gênero* (1990), Butler nos alerta que, embora o sujeito tenha agência e, em determinadas circunstâncias, seja capaz de criar novas possibilidades para sua forma de estar no mundo, isso não significa que ele invariavelmente dará as costas às normas pré-estabelecidas. Pelo contrário, mesmo sujeitos limítrofes e desviantes muitas vezes tentarão se adequar e assimilar

cookies and cream?” [...] Being the son of the wealthiest man in the area was more of a strain than something to revel in. These boys, whose fathers were labourers on the sugar-cane estates or in the nearby sugar factory, and whose mothers were government-paid water carriers for the road works programs, had the ability to easily make him feel inferior, powerless.” (MOOTOO, 2008, p. 33-35).

⁹ “La pandilla de amigos le suministra una información aparentemente no jerárquica sobre como comportarse como un hombre y su utilidad parece tanto mayor al sujeto cuanto que la conciencia de un cambio social acelerado hace percibir al padre y aun a los varones adultos como anticuados. La pandilla no deja de estar constituida por otros adolescentes igualmente inseguros respecto del grado en que han alcanzado la condición de varones/adultos. De ahí que sus prácticas y discursos se centren en lo más espectacular, aparentemente, rudo y exagerado del comportamiento masculino.” (MARQUÉS, 1997, p. 25).

¹⁰ “Valmiki was perplexed at the softness his parents saw in him, and from then on he pondered how he might fix that.” (MOOTOO, 2008, p. 38-39).

modelos previamente sancionados pelo *status quo*. Deste momento em diante, o texto de Mootoo discorrerá sobre como o jovem Valmiki conscientemente adotará uma série de ações, gestos e posturas que formarão seu reconhecimento como homem:

Ele praticava embaixadinhas com a bola de futebol. Fazia questão de contar piadas depreciativas sobre mulheres e “bichas”. Ele desenvolveu a afetação de cuspir, velocidade e distância representando marcadores de sua masculinidade. Ele começou também a demonstrar, na escola e na frente dos seus pais, que reparava as garotas, quase que excessivamente, tudo com uma indecência que não combinava com ele. (MOOTOO, 2008, p. 55, minha tradução)¹¹.

Como vimos nesta passagem, a narrativa de Mootoo desnuda o incessante esforço de fazer-se homem. No caso de Valmiki, veremos que este, mesmo depois de adulto, casado e pai de família, sentirá a necessidade de se apoiar em hábitos que acredita corresponderem a expectativas em torno de um “macho/varão”. Por conseguinte, ao longo de sua vida ele incorrerá em uma série de infidelidades com inúmeras mulheres de forma imprudente, intencionalmente deixando rastros para ser descoberto. Ademais, ele irá adquirir uma notável predileção pela caça – um hobby que jamais praticará com total destreza, mas que usará como álibi perfeito para manter seu relacionamento homossexual com Saul, um homem negro, de classe baixa, que viria a ser seu amante. Em dado momento, ele observa que

Talvez ele, sempre preocupado com aparências e com fazer a coisa certa, nunca seria livre. Se ser mulherengo lhe serviu como uma espada, era uma de dois gumes. Por um lado, o comportamento era a sugestão de seu status mais do que ok com as mulheres (não uma, mas muitas) e, portanto, operava contra quaisquer suspeições de quem e o que realmente estava em seu coração. Um homem certamente seria admirado por outros homens e mulheres pela exibição de sua virilidade, mesmo por aqueles e aquelas que machuca. (MOOTOO, 2008, p. 42, minha tradução)¹².

Em sua meia idade, Valmiki compreenderá então, de forma resignada, como se tornara prisioneiro da subjetividade que teria construído para si. Apesar de ser um homem bem sucedido, respeitado em sua comunidade e que teria cumprido com tudo que fora esperado dele, o médico é descrito como exaurido, reconhecendo que seus esforços jamais serão suficientes e que, em última instância, sempre estará aquém daquele que almejava ser – “tão incompetente quanto no primeiro dia, e sem ter mais motivação” (MOOTOO, 2008, p. 30, minha tradução)¹³.

¹¹ “He practiced bouncing a soccer ball on his head and on his knee. He made a point of engaging in disparaging jokes about women and “faggots”. He developed the affectation of spitting, velocity and distance becoming markers of his manhood. He launched, too, into a display, at school and in front of his parents, of noticing girls, commenting almost to the point of excess, something with a lewdness that did not suit him.” (MOOTOO, 2008, p. 55).

¹² “perhaps he, forever concerned about appearances and doing the praiseworthy thing, would never be free. If philandering had been for him a sword, it was the double-edged kind. On the one hand, it was a suggestion of his more-than-okay status with the ladies (not one, but many) and so worked against suspicions of who and what he was at heart. A man was certainly admired by men and by women for a show of his virility, even by the ones he hurt.” (MOOTOO, 2008, p. 42).

¹³ “as incompetent as the first day, and not too more willing.” (MOOTOO, 2008, p. 30).

No entanto, esta aparente ordem social apresentada na trama é desestabilizada quando Viveka, a filha mais velha de Valmiki, é impedida por seus pais de participar de um time de voleibol feminino. A jovem universitária, que, segundo sua mãe, precisa “refinar seus trejeitos”, levanta suspeitas por parte de todos no que diz respeito à sua sexualidade. Vale ressaltar que seu interesse por este esporte de grupo serve como uma espécie de gatilho para a memória de Valmiki e de seus conflitos pessoais. Consciente de que nestes espaços de intensa homosociabilidade (SEDGWICK, 1985) em que este vivera suas primeiras experiências homossexuais, ele, sem poder admitir abertamente suas razões, passa a temer que este envolvimento com o esporte não seja adequado para sua filha. Lemos:

Mas algo a mais incomodou Valmiki no jantar da noite passada, e agora continuava a reverberar em seu consultório – o conhecimento de que ao passo que esportes de equipe envolvem vários tipos de camaradagem e, sim, claro, importante atividade física, eles também tem o potencial de envolver algo a mais: tipos complicados de contato físico. [...] Valmiki não sabia se “sentir um ao outro” durante os jogos era uma coisa estritamente de homens, mas ele suspeitava e temia que garotas e mulheres talvez tivessem sua própria versão desse tipo de hábito. Ele queria poupar Viveka do horror e da confusão deste tipo de experiência que ele tinha tido, mas nunca revelado a ninguém. (MOOTOO, 2008, p. 50-56, minha tradução)¹⁴.

Pela própria estruturação do romance, o leitor passará a ver diferentes focos narrativos, acompanhando de perto também o desenrolar dos acontecimentos no dia-a-dia da jovem Viveka. Esta jovem estudante de Letras, aspirante a crítica literária caribenha e ávida leitora de nomes como Jean Rhys, V.S. Naipaul e Derek Walcott, parece viver um momento crucial de autodescobrimento. Ciente da sociedade em que vive e de suas inconsistências e contradições, Viveka não corresponde adequadamente com as expectativas para o sujeito-mulher. Sua irmã mais nova, Vashti, descrita como a perfeita garota indiana, tenta lhe incentivar a se portar mais como “uma mulher”, tanto em seu modo de se vestir, quanto usando maquiagem e esforçando-se mais para seduzir aqueles em seu entorno. Ela diz:

Mas você parece com um daqueles atletas musculosos de competições bizarras na TV. Nós fêmeas não abrimos nossos braços tanto. E não andamos com nossos seios pra cima. Curve-se um pouco. [...] Viveka não ousou dizer, mas sentiu-se lisonjeada quando sua irmã a comparou a um atleta musculoso (MOOTOO, 2008, p. 89, minha tradução)¹⁵.

¹⁴ “But something more nagged at Valmiki last evening at dinner, and now continued on into his office hours – the knowledge that while team sports involved various kinds of camaraderie and, yes-yes, all that important exercise, it had the potential to involve something else: complicated kinds of physical contact. [...] Valmiki didn’t know if “feeling each other up” during games was strictly a guy-thing, but he suspected and worried that girls and women might get on with their own version of that sort of thing, too. He wanted Viveka spared the horror, the confusion of the kind of experience he had had but never revealed to anyone.” (MOOTOO, 2008, p. 50-56).

¹⁵ “But you look like one of those body builders in those weird competitions on TV. We females don’t stick our arms out so much. And walk with our chests so high in the air. Drop your chest a little. [...] Viveka didn’t dare say it, but it flattered her that Vashti thought she looked like a body builder.” (MOOTOO, 2008, p. 89).

A rejeição ao modelo ideal feminino representado pela mãe e mulheres da alta sociedade trinidadiana, bem como um maior reconhecimento e projeção em figuras masculinas perpassa toda a narrativa, vindo à tona em diferentes reflexões e lembranças de Viveka. Após sentir-se pressionada a se adequar mais, a personagem tenta colocar roupas dadas por sua mãe, mas o que vê diante de seus olhos frente ao espelho entra em confronto direto com sua corporalidade: “no espelho ela viu uma estranha. A cintura da saia e a forma como a camisa caía sobre ela salientaram, ela achou, seu torso sem forma. (MOOTOO, 2008, p. 97, minha tradução)¹⁶.

Em sua vida afetiva, Viveka tenta se relacionar com um jovem colega, Elliot. O rapaz, amigo de um outro casal próximo à protagonista, seria um par perfeito para ela e suas ambições futuras. Jovem de origem africana e caribenha, ela sabe que ele representa o oposto de todos os pretendentes que sua família almeja para ela, tanto por não ter origem hindu quanto por não ser filho de uma família da elite. A união, contudo, estaria dentro de um padrão heteronormativo, e, além de tudo, para ela, representaria a possibilidade de constituir uma família “verdadeiramente caribenha”, hibridizando as etnias mais representativas da ilha. O relacionamento não se sustenta, uma vez que o rapaz percebe, após inúmeras tentativas, não ser correspondido. A própria protagonista conclui que “por mais que tentasse, ela não se sentia conectada a Elliot. Ela gostaria que fosse diferente, mas simplesmente não era.” (MOOTOO, 2008, p. 106, minha tradução)¹⁷. O texto deixa claro, no entanto, que a incompatibilidade do casal estava diretamente associada à falta do desejo de Viveka. Apenas uma das relações deles, talvez a mais inesperada, havia lhe proporcionado um orgasmo, sensação que ela busca reconstituir sozinha na cama. Contudo, em suas fantasias, ela não sente prazer em se imaginar na posição de mulher sendo tocada por um homem. Lemos:

Ela tentou imaginá-lo a tocando, mas aquilo a deixava mais dolorida do que excitada. Então ela se imaginava dirigindo um carro, mas ela também se imaginava como se ela fosse Elliot sentado no banco do passageiro, e que ela, Elliot, estava colocando as mãos sobre as suas pernas nuas, até alcançar sua virilha, finalmente deslizando seus dedos (de homem/mulher) dentro do elástico da sua calcinha, e aquela sensação, com o tempo, viria novamente. (MOOTOO, 2008, p. 107-108, minha tradução)¹⁸.

As insígnias tradicionalmente atribuídas ao universo masculino – do tônus muscular, do tronco menos curvilíneo, do carro – ganham outra dimensão na representação da fantasia sexual que literalmente desloca o sujeito e o reposiciona em outro corpo. Fenômeno similar teria acontecido ainda em sua infância, quando Viveka relembra que costumava ter um alter

¹⁶ “In the mirror she saw a stranger. The waist of the skirt, and the way her shirt fell over it, brought notice, she felt, to her already shapeless torso.” (MOOTOO, 2008, p. 97).

¹⁷ “Hard as she tried, she really didn’t feel connected to Elliot. She wished it were different, but it simply wasn’t.” (MOOTOO, 2008, p. 106).

¹⁸ “She tried imagining him touching her, but that left her more sore than excited. So she would imagine herself driving a car, but she would also imagine that she was Eliot sitting in the passenger seat, and that she, Elliot, was riding his hands up her bare legs, inching up to her crotch, finally slipping her/his fingers inside the elastic of her panties, and that feeling, like the time, would come to her again.” (MOOTOO, 2008, p. 107-108).

ego masculino de nome Vince (de vencedor) – um menino que não coincidentemente, em sua imaginação, tinha características típicas do norte global: loiro, branco, dos olhos claros. Ela se relembra de uma ocasião em que saíra desbravando as ruas de Luminada Heights como o aventureiro Vince e, acidentalmente, flagrou seu pai na cama com uma vizinha. Este evento teria se eclipsado com uma série de outros acontecimentos traumáticos naquele seio familiar, inclusive a morte do único filho homem do casal Krishnu, uma criança de saúde frágil.

Nesta dinâmica, que de certo modo desafia as normas do gênero, há também que se destacar o apurado senso crítico da personagem. Em primeira instância, é digno de nota que, apesar de não se espelhar na feminilidade impecável e subserviente de sua mãe, a personagem também não vê em seu pai um modelo a ser almejado. Sem saber explicar integralmente o comportamento de seu pai, ela observa:

Que homem estranho seu pai era, ela pensou, por matar bichos por esporte. Ele devia ser meio corajoso, ela supôs, por ir à floresta como ia. Ela tinha conhecido o amigo dele, Saul, e, de todos os amigos de seus pais, este era quem mais a atraía. Bem, ele não era amigo de sua *mãe*. Por que o pai dela nunca o levava pra casa, ela não conseguia entender. Ela conseguia apenas concluir fatos sobre a raça e classe social de Saul. [...] O pai dela era realmente estranho. De um lado tão corajoso, de outro um covarde.¹⁹ (MOOTOO, 2008, p. 86-87, minha tradução).

A forma como Viveka percebe seu pai se distancia de qualquer idealização. Ela sequer consegue conferir a ele o pleno status de um homem corajoso e, embora o leitor saiba que seu pai mantém uma relação secreta com Saul, ela claramente se decepciona por acreditar que o pai se curva a convenções de classe e raça, separando seus amigos do grupo de caça, homens da classe trabalhadora, daqueles que sua mãe aprova para frequentarem em seus círculos sociais. Desta forma, a passividade do pai face à sua esposa tende a também impedir que este se constitua para a filha enquanto uma figura heroica.

Na sequência da trama, Viveka se reaproxima do filho de um casal de vizinhos, Nayan, recém regressado do Canadá, onde teria se formado em administração de empresas e se casado com Anick, uma jovem francesa que tem dificuldades de adaptação na ilha, tanto por não falar a língua e não ser de origem hindu, quanto pelas diferenças entre culturas. O casamento não é visto com bons olhos por aquela elite conservadora de Trinidad, contudo estes parecem impotentes em relação à branquitude de Anick. Uma amizade entre as duas é logo incentivada por todos, em especial Valmiki e Nayan, que veem esta aproximação como uma forma de feminilizar, domesticar e ocidentalizar Viveka, mas também de fazer com que Anick se sinta mais à vontade naquele novo contexto social. A amizade, contudo, resulta na primeira experiência homossexual e homoafetiva de Viveka. Após manterem secretamente este romance por 24 semanas (tempo demarcado para a Parte III, “Chayu”), elas começam a levantar suspeitas por parte de Nayan e da família Krishnu.

¹⁹ “What weird man her father was, she thought, killing things for sport. He was sort of brave, she supposed, going into the forest as he did. She had met his friend Saul, and of all her parents’ friends she was most drawn to him. Well, he wasn’t her mother’s friend. Why her father didn’t bring him around to the house she couldn’t understand. She could only put it down to the facts of Saul’s race and class. [...] Her father really was weird. Brave on one hand, a coward on the other.” (MOOTOO, 2008, p. 86-87).

Ao se dar conta de que sua filha estaria passando por uma experiência similar à sua, Valmiki se vê duplamente frustrado diante da situação: ele não pode ter uma conversa franca e aberta sobre o assunto porque isto resultaria em expor seu próprio segredo e também demonstra insatisfação pelo risco que Viveka representa ao *status quo*. Ele reflete: “Como ela ousa pensar só em si mesma. Afinal de contas, ela não tem bom senso? Nenhum senso de lealdade – se não lealdade, responsabilidade – pela sua família, pela sociedade?” (MOOTOO, 2008, p. 343, minha tradução)²⁰. Quando a narrativa se volta para Viveka, contudo, é digno de nota que Mootoo retrate preocupações semelhantes. Anick propõe que as duas fujam de Trinidad, deixando para trás suas vidas, mas a personagem conclui: “o que é mais importante, ela ponderou – ser tudo que você é, ser verdadeira consigo mesma, ou honrar a família, a sociedade, o país? Sua família, apesar de tudo, era tudo para ela. Ela jamais poderia viver sem eles.” (MOOTOO, 2008, p. 326, minha tradução)²¹.

O espelhamento entre ambas as personagens e seus embates com códigos de gênero, sexualidade e, mais especificamente, masculinidade eventualmente tomará rumos diferentes. O fato que marca este divisor de águas se dá quando Nayan anuncia, em uma festa com todas as famílias presentes, a gravidez de sua esposa. Surpreendidos pela novidade, Viveka e Valmiki se distanciam dos convidados e, sem falar abertamente sobre o real impacto daquele fato, ele percebe que a jovem está prestes a se expor diante de todos e oferece indiretamente uma alternativa para seu futuro:

Olha pra mim, Vik, pense em você. Este lugar é muito pequeno. Não é um lugar afável. Se recomponha já. Não faça isso com você, querida. Por favor. [...] Este lugar é muito pequeno pra você, ele disse. Respire fundo e deixe isto pra trás. Tem muito mais esperando por você *em outro lugar*. Tanto mais, você nem imagina. (MOOTOO, 2008, p. 354, minha tradução)²².

A constatação de que as amarras de sua subjetividade estariam necessariamente atreladas à ilha e seus severos códigos de conduta mostra-se reveladora. Tendo vivido os anos mais libertadores de sua vida durante seu intercâmbio no Reino Unido, a única possível solução que Valmiki consegue vislumbrar consiste em deslocar sua filha, removê-la, por assim dizer, do círculo vicioso no qual ele se via preso. Viveka, por sua vez, parece compreender que este poderia ser um caminho menos radical e mais palatável para ter mais controle sobre sua vida e decisões futuras. Ela, então, após terminar seu relacionamento com Anick, retorna a São Fernando e se envolve com um jovem de origem indiana, Trevor, um pretendente à altura das expectativas de sua família que vive e trabalha na urbe canadense. Desde o começo de

²⁰ “how dare she think only of herself. Had she no good sense after all? No sense of loyalty – if not loyalty, then responsibility – to her family, to society?” (MOOTOO, 2008, p. 343).

²¹ “Which was greater, she wondered – to be all that you were, to be true to yourself, or to honor one’s family, one’s society, one’s country? Her family, despite everything, was her life. She could never be without them.” (MOOTOO, 2008, p. 326).

²² “Look here, Vik, think about yourself. This is a small place. It is not a kind place. Get yourself together right away. Don’t do this to yourself, honey. Please”. [...] “This place is too small for you,” he said. “Take a deep breath, and leave this behind. There is so much more waiting for you *elsewhere*. So much, you can’t imagine.” (MOOTOO, 2008, p. 354).

sua interlocução, contudo, tudo parece às claras, o que chega a surpreender a protagonista. Ele a confronta sobre seu passado com Anick e propõe uma união, mesmo sabendo que elas teriam sido amantes. A sexualidade parece não ser um problema para o rapaz. A proposta, entretanto, chega quase a assumir um tom de negociação:

“Como o que?” Ela disse, mas, sem esperar por uma resposta, rapidamente sugeriu, “Nos casarmos?” “Era o que eu estava pensando”, respondeu Trevor jovialmente e acrescentou, “É sempre um meio para um certo fim, não é? Você gostaria?” Ela se perguntou porque ele teria dito aquilo. *É um meio para um certo fim*. Ele sabia o quão verdadeiras seriam as suas palavras? Talvez ele também, como parecia ser para todo mundo, tivesse suas razões. Se tivesse, elas não a interessavam. [...] “Okay. Acho que sim. Vamos.” [...] Ele segurou o rosto dela em suas mãos grandes e a beijou na boca. A sua pele cheirava a carne queimada. (MOOTOO, 2008, p. 376-377, minha tradução)²³.

A reversão de hierarquias, em que o pedido formal acaba se fazendo de forma casual e proposta pela mulher, é indicativa de uma subversão, mais sutil, empenhada pelo jovem casal. A sugestão de Trevor de que o matrimônio representaria um meio que justificaria um fim, mesmo que incógnito, surpreende a personagem, mas parece também deixar em aberto as possíveis razões para que ele também tenha interesse na relação. As duas partes parecem de acordo e passariam a viver então em Toronto; ao fim da cena, contudo, a voz narrativa faz questão de relembrar ao leitor que aquela não se trataria de uma decisão feita com base no real desejo da personagem, o que parece demarcado pelo cheiro de carne queimada que esta sente ao ser beijada.

Deste modo, o desfecho da obra parece “domar” a subjetividade desviante do sujeito-queer pós-colonial. Gostaríamos, contudo, de contestar esta leitura através de uma reflexão em torno dos perigos oferecidos por uma radicalização extrema, comum às análises pós-estruturalistas. Em uma visada pós-colonial, é importante destacar que em momento algum o romance se utilize de categorias ocidentais para a sexualidade (“gay”, “bissexual” ou “lésbica”), o que acreditamos ser emblemático de uma narrativa que está em confronto também com a extensão e limites destas, bem como com o seu caráter colonizador.

Ademais, atento à complexidade destas dinâmicas, Miguel Vale de Almeida (2009) nos alerta para aquilo que identifica como uma aproximação perigosa entre a teoria *queer* e discursos do neoliberalismo, na qual se “assume que as pessoas escolhem ser o que quiserem, sem constrangimentos sociais, numa cópia da relação do agente económico com o mercado.” (ALMEIDA, 2009, p. 6). Em seu ensaio, o pensador discute as tensões entre diferentes grupos LGBT (políticos e intelectuais) e suas posições face às demandas por igualdade de direitos civis, em especial o casamento. Em sua conclusão, ele propõe um

²³ “Like what?” She said, but not waiting for an answer, she quickly offered, “Get married?” “That’s what I was thinking,” Trevor replied jovially, adding, “It’s always a means to an end, isn’t it. Would you like to?” She wondered why he would say such a thing. *It’s a means to an end*. Did he know how true his words were? Perhaps he, too, like everyone else it seemed, had his reasons. If he had, they didn’t interest her. [...] “Okay. I guess so. Let’s”. [...] He held her face in his large hands and kissed her mouth. His skin smelled like burning flesh. (MOOTOO, 2008, p. 376-377).

terreno comum para polos que, a princípio, se mostram diametralmente opostos. Para tal, ele retoma o conceito de “essencialismo estratégico” de Spivak, a partir do qual os sujeitos poderiam, concomitantemente, se apoiar em “uma necessidade identitária e categorial que cria auto-estima e espírito de grupo, bem como com uma dose útil de pensamento de crítica cultural radical que ajude a relativizar o peso do carácter historicamente construído das categorias” (ALMEIDA, 2009, p. 9).

Assim, estabelecemos uma analogia nos perguntando: quais seriam as possibilidades concretas para que Viveka consiga buscar seu desejo? Uma vez que a radicalidade de um total rompimento com suas origens, família e sociedade representaria sua morte em um certo sentido, como demandar esta movimentação do sujeito? Ao estabelecer este contrato que encena uma acomodação ao senso comum, a personagem rompe com a estrutura que aparentemente convoca. Nas palavras finais do romance, Viveka, logo antes da cerimônia do casamento, pergunta para Trevor quanto tempo acredita que aquela união durará. Após dizer “cinco anos” e perguntar a opinião de sua noiva, que responde “dois”, lê-se:

Dois! Que isso, Vik. Demonstre um pouco de coragem! Eu estou exibindo um tanto assim oh dela, você não acha? Ele foi brusco. Demorou um pouco até que ela pudesse responder. Ela então olhou para ele, lágrimas se formando. Você se surpreenderia, Trevor, ela disse. Você se surpreenderia com a minha coragem neste momento. (MOOTOO, 2008, p. 395, minha tradução)²⁴.

Por fim, a narrativa de Mootoo parece contrastar duas gerações: a de Valmiki e sua filha – o que já se revela pelo título. Neste paralelo, o leitor acompanha toda a trajetória de vida do médico, e o alto preço que este pagara por ter se curvado a todas as expectativas sociais de seu entorno. No caso de Viveka, contudo, somos expostos apenas a uma parte pequena e importante de sua jornada. O texto assim deixa em aberto inúmeros caminhos e possibilidades para a subjetividade, descoberta em que Viveka deverá avançar uma vez removida da ilha. Neste desfecho, ao leitor é dada uma perspectiva otimista: no futuro de Viveka, desdobramentos e grandes transformações, seja em termos de sua sexualidade ou mesmo de sua identidade de gênero, poderão ocorrer. Esta, como vimos, parece determinada a aliar características antagônicas. Aparentemente influenciada por aspectos tradicionalmente ligados à masculinidade, ela também vislumbra a desconstrução desta. Ser, por si só, como nos diz a própria personagem, seria um ato de coragem.

²⁴ “Two! Oh, come on, Vik. Show a little courage! I am exhibiting a mountain of it, wouldn’t you say?” He was terse. It was a while before she could respond. She looked up at him, tears welling. “You’d be surprised, Trevor,” she said. “You’d be surprised at my courage right now”. (MOOTOO, 2008, p. 395).

Considerações finais: o *queer* e o pós-colonial à vista

*Viveka teria, no fim, como qualquer outra pessoa, que trilhar sua própria jornada. Ele não tinha nenhum conselho e seu copo estava vazio*²⁵.

S. Mootoo.

Tornar-se homem, parodiando a máxima de Beauvoir, se constitui como um árduo ofício: um trabalho que demandará constante manutenção ao longo de toda a trajetória do sujeito. Apesar de todos os privilégios que lhe serão oferecidos e de toda a estrutura de poder acompanhada por tal subjetividade, este ver-se-á igualmente prisioneiro de uma série de obrigações, performances e expectativas de seu entorno, estas, quase que invariavelmente, impossíveis de serem realizadas em sua completude.

Para o sujeito pós-colonial, contudo, esta tarefa implicará em consequências ainda mais diversas. Imerso em um contexto político, social e econômico que, desde sua origem, se construiu a partir de modelos bruscamente transpostos e importados do colonizador, este muitas vezes terá de lidar com um padrão estrangeiro à sua corporalidade: a de um homem de cor branca, heterossexual e bem-sucedido. No mundo globalizado do século XXI, vimos que dinâmicas transnacionais se apresentam com múltiplas faces, ora oprimindo e domando, ora libertando este sujeito.

Em meio a tais fenômenos, *Valmiki's Daughter* (2008), de Shani Mootoo mostra-se profícuo para uma leitura de identidades cada vez mais comuns ao cenário global de nossa atualidade. De modo geral, o romance denuncia as contradições de uma elite indo-caribenha que vive até hoje sob os efeitos da colonização britânica. Mais especificamente, o enredo nos revela a fragilidade da posição deste homem pós-colonial, mesmo quando este representa a parcela mais privilegiada da sociedade em termos econômicos. O médico Valmiki, um dos protagonistas, vê-se vítima das amarras de uma suposta masculinidade mandatária, concluindo, como se pode ler na epígrafe acima, que não lhe restam palavras, perguntas, ou conselhos, “seu copo está vazio”.

Por outro lado, a jovem Viveka, resistindo aos códigos de comportamento que lhe foram impostos, mas negociando estrategicamente com sua subjetividade e as expectativas de seu círculo social, consegue abrir um novo caminho, demonstrando assim sua agência. Seu corpo *queer* e seu jeito “masculino” não serão domesticados. Embora pareça fazer sua protagonista sucumbir (tanto por encontrar uma saída mais fácil na emigração para o Norte Global, em Toronto, quanto por fazê-la se casar com um homem indo-caribenho bem sucedido), Mootoo, por fim, nos apresenta um novo sujeito desviante: um que não se empenhará em uma subversão a partir de modelos pré-concebidos para o rompimento da norma, mas que estará sempre atento à sua própria jornada.

²⁵ “Viveka would, in the end, like everyone else, have to cut out her own path. He had no advice and his glass was empty.” (MOOTOO, 2008, p. 392, minha tradução).

MOYANO, T. M. Masculinities out of place: gender and displacements in *Valmiki's Daughter* (2008) by Shani Mootoo. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 12, n. 2, p. 162-183, 2020. ISSN 2177-3807.

Referências

ALMEIDA, M. V. Masculinidade – Verbete. In: AMARAL, A. L., MACEDO, A. G. (Orgs.). *Dicionário da Crítica Feminista*. Porto: Afrontamento, 2005. p. 122-123.

ALMEIDA, M. V. Ser *mas* não ser, eis a questão. O problema persistente do essencialismo estratégico. *Working Paper I*. Lisboa: Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), 2009, p. 2-9. Disponível em: <http://miguelvaledalmeida.net/wp-content/uploads/2014/09/WP-CRIA-1_Ser-mas-n%C3%A3o-ser_Vale-de-Almeida.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2018.

ALLSOP, R. Caribbean Identity and Belonging. In: GRIFFITH, G. (Ed.). *Caribbean Cultural Identities*. Londres: Rosemond Publishing and Printing Corp., 2001. p. 33-54.

BEASLEY, C., ELIAS, J. Hegemonic Masculinity and Globalization: “Transnational Business Masculinities” and Beyond. *Globalizations*, Abington, v. 6, n. 2, p. 281-296, 2009. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14747730902854232?scroll=top&needAccess=true>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

BRAH, A. Diferença, Diversidade, Diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, p. 329-376, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2019.

BUTLER, J. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. Nova Iorque/Londres: Routledge, 1990.

CONNELL, R. W., MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*. Trad. Felipe Bruno Martins Fernandes, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/24328045?seq=1>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

JESUS, D. S. V. Bravos Novos Mundos: uma leitura pós-colonialista sobre masculinidades ocidentais. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 125-139, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2011000100010&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 08 dez. 2018.

LAMMING, G. Caribben Labor, Culture, and Identity. In: GRIFFITH, G. (Ed.). *Caribbean Cultural Identities*. Londres: Rosemond Publishing and Printing Corp., 2001. p. 17-32.

LAURETIS, T. A Tecnologia do Gênero. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Trad. Suzana Funck. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

MARQUÉS, J. V. Varón y Patriarcado. In: OLAVARRÍA, J., VALDÉS, T. (Eds.). *Masculinidad/es: poder y crisis*. Santiago: Ediciones de Las Mujeres, 1997. p. 17-30.

MOOTOO, S. *Valmiki's Daughter*. Toronto: House of Anansi Press, 2008.

SCHWARZ, R. As Ideias fora do Lugar. In: _____. *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1992. p. 10-31.

SEDGWICK, E. K. *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1985.

SHAKESPEARE, W. *As you like it*. Champaign: Project Gutenberg, 2000. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/gu002244.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

Recebido em: 13 ago. 2020

Aceito em: 19 out. 2020